

Luta de Classes

 Pela reconstrução
da 4ª Internacional

IMPRESA
R\$ 5,00
OPERÁRIA

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Karl Marx)

Governo define movimentos sociais como “forças oponentes”



Governo Federal autoriza o uso das Forças Armadas contra a população e cria “Força Nacional” de repressão com 10 mil homens

Prefeitura de São Paulo quer punir Esquerda Marxista por se manifestar

Página 3

De junho a junho: O que as jornadas de 2013 nos ensinam para 2014?

Página 4

Uma Copa do Mundo para quem?

Página 11

2ª Parte do Informe ao 30º Congresso da Esquerda Marxista

Página 13

Espionagem e imperialismo: Snowden, vigilância e repressão

Página 19

**QUEM SOMOS E
PELO QUE LUTAMOS?**

A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Marxista – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão do PT com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

150 anos da fundação da 1ª Internacional

No Manifesto escrito por Marx e aprovado pelo Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, 150 anos atrás, consta o seguinte:

“Os Relatórios do Imposto sobre Rendimento e Propriedade, apresentados perante a Câmara dos Comuns em 20 de Julho de 1864 (...) desvendam o fato de que cerca de 3 mil pessoas dividem entre si um rendimento anual de cerca de 25 milhões de libras esterlinas, bastante mais do que o rendimento total repartido anualmente por toda a massa dos trabalhadores agrícolas da Inglaterra e País de Gales.”

Quando hoje vemos os dados de que apenas 85 famílias possuem mais riqueza que metade da população mundial (3,5 bilhões de pessoas) verificamos que as previsões dos marxistas sobre a concentração de riqueza feitas no século XIX estavam corretas. Os fundadores da 1ª Internacional no Manifesto de 1864 escreveram:

“Conquistar o poder político tornou-se, portanto, o grande dever das classes operárias. Elas parecem ter compreendido isto, porque na Inglaterra, Alemanha, Itália e França tiveram lugar renascimentos simultâneos e estão sendo feitos esforços concomitantes para a reorganização política dos partidos operários.

Estes renascimentos possuem um elemento de sucesso — a sua quantidade numérica; mas isso só pesa na balança se unido pela combinação de ações e guiado pelo conhecimento: o programa revolu-

cionário para pôr fim ao capitalismo. A experiência passada mostrou como a falta de cuidado por este laço de fraternidade, que deve existir entre os operários de diferentes países e incitá-los a permanecer firmemente ao lado uns dos outros em toda a sua luta pela emancipação, será castigada pela derrota comum dos seus esforços incoerentes”.

Proletários de todos os países, uni-vos!”

Mas, a história seguiu seu curso e apesar de combates heroicos e de revoluções que varreram o mundo, a necessidade da Internacional, que hoje não existe, se torna mais sentida a cada dia.

Em 1914 os dirigentes da 2ª Internacional se venderam para a burguesia e esta pôde fazer a guerra para redividir o mercado então existente. O final da guerra foi a revolução Russa de 1917, que forçou a burguesia a parar a guerra para impedir a revolução em toda a Europa.

A guerra de 1939 teve os mesmos motivos – redivisão do mercado e destruição de forças produtivas. Os EUA saíram como os grandes vencedores, mas a existência da URSS, ainda que com uma direção burocrática e contrarrevolucionária, impulsionou revoluções no mundo inteiro (Leste Europeu, China, Cuba e depois as revoluções políticas no Leste Europeu – Polônia, Hungria, Berlim, etc.).

Os EUA arvoraram-se em “policia mundial” e em nome do combate ao comunismo impulsionaram ditaduras militares em toda a América Latina – Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, etc. Este é o verdadeiro sentido do

golpe de 1964, no Brasil.

Hoje, depois da crise de 2008, as revoluções voltam a incendiar o mundo. Mas, a falta de uma internacional operária e de partidos revolucionários leva a que as revoluções não consigam ser vitoriosas plenamente, como vimos nos países árabes. As greves gerais sucedem-se e são desviadas pelos dirigentes dos partidos e centrais sindicais rendidos ao capital.

No Brasil, o PT que ganhou as eleições para mudar o Brasil, vai a Davos “oferecer o Brasil aos investidores” e prepara uma repressão para os movimentos que se descortinam com a chegada da Copa, contra a falta de serviços públicos.

O grande debate entre os jovens e a vanguarda operária é: como superar este impasse, como construir partidos e uma internacional capaz de conduzir a classe operária à vitória?

Este é o objetivo da Esquerda Marxista e da Corrente Marxista Internacional. Em 2014 vamos comemorar a fundação da 1ª Internacional e avançar neste caminho! ●



Internet

Fundação da 1ª Internacional

ASSINE **LutadeClasses**

6 N°s R\$ 30,00 - Pelo site: www.livrariamarxista.com.br/acessorios/jornais/assinatura-anual-do-jornal-luta-de-classes

Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo/SP - CEP: 01020-000; Fone: (11) 3101-8810

Diretor: Serge Goulart | Editor: Riobaldo Tartarano | Jornalista responsável: Rafael Prata MTB n° 40040/SP

jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br



Prefeitura de São Paulo quer punir a Esquerda Marxista

Há muito tempo temos denunciado a crescente ofensiva por parte do Estado Burguês quanto à repressão e criminalização aos movimentos sociais. Desta vez, uma tentativa de intimidação da Prefeitura de São Paulo, através da sua Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), bateu à porta da Esquerda Marxista.

Para nossa surpresa, recebemos uma carta da CET em 22/01/2014 com uma cobrança dos “custos operacionais” extraordinários decorrentes da realização de uma manifestação ocorrida em Novembro/2013 (ver imagem da carta em marxismo.org.br).

Segundo a carta, “houve a necessidade de prestação de serviços operacionais por parte desta CET, no âmbito da Lei 14.072/05 regulamentada pelo Decreto 51.953/10, na forma da portaria 053/12 - SMT-GAB, que obriga esta Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, a ser ressarcida dos custos operacionais pelos serviços prestados, relativos à operação do sistema viário”.

E continua: “A realização do evento ensejou a prestação de serviços operacionais extraordinários por esta Companhia em acompanhamento integral à manifestação, atizados pontos de monitoramento nos cruzamentos, realizando bloqueios momentâneos e canalizações para minimizar o impacto no viário da região. Desta forma, a CET apurou os custos decorrentes no valor R\$ 538,58, encaminhamos a Nota Fiscal e o boleto com vencimento em 28/02/2014. (...) Decorrido o prazo fixado sem o pagamento acima, será encaminhada a inclusão no CADIN MUNICIPAL, (...) além das medidas legais pertinentes”.

Quer dizer então que na cidade de São Paulo para se manifestar na rua é preciso pagar?! Isso é uma clara tentativa de intimidar as organizações dos movimentos populares, da classe trabalhadora e da juventude, para que não mais convoquem manifestações de rua. Esta conduta insere-se entre as medidas repressivas que estão sendo adotadas contra as manifestações não só em São Paulo, mas em todo Brasil e no mundo. E certamente visa atingir as entidades que organizam e lutam. Na Espanha, por exemplo, acabam de aprovar uma lei que se você publica no facebook que vai haver uma manifestação e se nessa manifestação acontecer algo, fogo, quebra, etc, você pode ter que pagar até 60 mil euros e ir preso! Na China, quando um preso político é executado, sua família é intimada a pagar o custo da bala que o matou! Agora em São Paulo a prefeitura começa a cobrar “custos operacionais” dos manifestantes? Onde vamos parar?! Nem é pelos R\$ 538,58, mas pelo precedente que abre.

Que a gestão Serra/Kassab tenha sancionado tal lei, publicado o Decreto e a portaria que permitem à CET fazer isso, seria compreensível. Afinal, Serra e Kassab são representantes da classe dominante e não gostam do direito à livre manifestação. Mas acontece que a lei usada pela CET para nos fazer a cobrança, deixa claro que: “excetuam-se do pagamento do preço correspondente aos custos operacionais e dos valores referentes aos equipamentos de sinalização utilizados os eventos exclusivamente de caráter: religioso; político-partidário; social, quando promovido por entidade declarada

de utilidade pública, conforme legislação em vigor; manifestações públicas, por meio de passeatas, desfiles ou concentrações populares que tragam uma expressão pública de opinião sobre determinado fato; manifestações de caráter cívico de notório reconhecimento social.”

Já Fernando Haddad foi eleito pelo povo de São Paulo contra esses senhores. Entretanto, operou junto com Alckmin o aumento da tarifa em 2013, concordando e colaborando com a repressão. E agora, a CET, subordinada ao seu Secretário Municipal de Transportes, busca aplicar de maneira errada uma lei para punir a Esquerda Marxista?!

Isto vai contra o direito à livre manifestação garantido pela Constituição de 1988. Afinal, todos têm direito à livre manifestação ou somente aqueles que podem pagar a fatura que a CET vem cobrar depois? Inclusive, se não pagarmos, estaremos sujeitos às “medidas legais pertinentes”?! Todo este caso é um absurdo do início ao fim e não passa de mais uma tentativa de intimidar e criminalizar a luta da classe trabalhadora e da juventude. Nós não nos curvaremos.

Para entender melhor, no dia 7 de novembro de 2013 foi convocado em SP um ato em decorrência do assassinato, pela PM, dos jovens Douglas e Jean na periferia de São Paulo. Os militantes da Esquerda Marxista participaram da manifestação levando



PELA DISSOLUÇÃO DA PM!

SÃO 700 MIL POLICIAIS ARMADOS CONTRA A POPULAÇÃO BRASILEIRA!
NÃO ACABOU, TEM QUE ACABAR, EU QUERO O FIM DA POLÍCIA MILITAR!

No mês de junho, ficou evidente para grande parte da população brasileira o que é a repressão policial, o que é a violência do Estado burguês para oprimir aqueles que lutam contra a injusta e desigual ordem vigente e os interesses da classe dominante.

Nas periferias, a PM atua perseguindo, criminalizando e assassinando as pessoas mais pobres. Um exemplo foi o caso de Amanildo, no Rio de Janeiro, em que a UPP o torturou até a morte. E também de Ricardo, funcionário terceirizado da UNIFESP na Baixada Santista, que foi misteriosamente assassinado em casa, poucas horas depois de ter saído da delegacia, onde foi espancado por policiais. Mais recentemente, no final de outubro, o jovem trabalhador Douglas também foi brutalmente assassinado pela Polícia Militar. Tudo isso demonstra PARA QUÊ e A QUEM serve a Polícia Militar.

A luta dos estudantes, por universidade pública, gratuita e para todos, tem sofrido com a perseguição generalizada das Reitorias, da polícia e da justiça. Como nos casos do uso da Tropa de Choque contra estudantes da USP, UNESP e UNIFESP e o processo que corre contra centenas de estudantes.

Imprescindível também citar os inúmeros casos de presos políticos nos atos recentes contra o aumento da passagem, os processos contra militantes de movimentos sociais, como do MST e do Movimento das Fábricas Ocupadas. A justiça tenta enquadrar os militantes na absurda acusação de Formação de Quadrilha. Entre 2000 e 2012, mais de 450 Sem Terras e índios foram assassinados por tropas regulares ou não, isso é mais do que no período da Ditadura Militar no Brasil!

Até mesmo a LSN (Lei de Segurança Nacional), criada pela Ditadura Militar, foi resuscitada para justificar prisões de manifestantes em SP, assim como a GLO (Garantia da Lei e da Ordem), utilizada por Dilma para enviar TROPAS DO EXERCITO para reprimir manifestantes que protestavam contra o Leilão de Libras no Rio de Janeiro.

Existem atualmente cerca de 700 mil agentes armados na Polícia Militar para PROTEGER a desigualdade social, a precarização dos serviços públicos, os privilégios da classe dominante, enfim, defender o capitalismo! Não podemos mais conviver com essa instituição assassina!

PELA DISSOLUÇÃO DAS POLÍCIAS!

NENHUM PROCESSO E CONDENAÇÃO CONTRA AQUELES QUE LUTAM! LIBERTAÇÃO IMEDIATA DE TODOS OS PRESOS POR MOTIVOS POLÍTICOS!

ABAIXO A REPRESSÃO!

Panfleto distribuído pela Esquerda Marxista no ato

um panfleto que dizia “Pela Dissolução das PMs!” (leia o texto do panfleto acima e ampliado em marxismo.org.br). Não aceitamos que ninguém pague os custos cobrados pela prefeitura. Não se trata do teor do ato, quem convocava, etc., mas sim da defesa incondicional do direito à livre manifestação.

A Esquerda Marxista está tomando todas as medidas necessárias para reverter essa decisão. Mas é fundamental que, politicamente, tenhamos a mais ampla unidade e solidariedade contra esse ataque. Pedimos que repliquem esta notícia para seus contatos, dando a mais ampla divulgação.

Um ataque a um é um ataque a todos! Não podemos aceitar! É preciso reagir unitariamente contra toda essa ofensiva de repressão e criminalização! ●

De junho a junho: O que as jornadas de 2013 nos ensinam para 2014?

Caio Dezorzi

Em junho de 2013, um maravilhoso movimento eclodiu no Brasil. Ao todo, milhões de pessoas saíram às ruas por todo o país, em centenas de cidades, num período de menos de duas semanas. Protestavam centralmente contra o aumento das tarifas do transporte público e contra a repressão policial. Acuados, os governantes revogaram o aumento das tarifas e diversificaram as formas de repressão. As massas, sem um programa comum, saíram das ruas, mas podem voltar a qualquer momento. Junho inaugurou uma nova situação política no Brasil, seguindo a onda de protestos que varre o mundo. A juventude que despertou para a vida política, embora confusa, se sente forte, vitoriosa e continuou se manifestando permanentemente por suas reivindicações concretas, mesmo que o tenha feito com contradições e de maneira fragmentada. Está rapidamente fazendo a experiência e dispensando ferramentas que não lhe servem.

O Estado burguês amplia e aperfeiçoa a repressão. Pisa em qualquer resquício de “direitos democráticos”. O Judiciário aprofunda a criminalização dos movimentos sociais. O Legislativo aprova leis que qualificam qualquer manifestação reivindicatória como crime ou terrorismo. O Executivo põe as forças armadas nas ruas contra os manifestantes, usando a chamada GLO (Garantia de Lei e Ordem). Na verdade, a burguesia busca adequar o aparato de Estado às suas necessidades para enfrentar a nova situação onde a crise internacional se aprofunda e cada vez mais faz erodir a fina camada da encosta



Em 17/06/2013 milhões de pessoas saem às ruas por todo o país. Em Brasília, milhares de manifestantes ocupam o Congresso

que sustenta a aparente estabilidade da economia brasileira. O governo de coalizão encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores aplica uma política de colaboração de classes e segue transferindo a riqueza do país para os especuladores nacionais e internacionais através das privatizações e do pagamento da dívida pública, em detrimento de investimentos em saúde, educação, moradia, reforma agrária, etc. Uma crise de representatividade percorre todo o movimento operário organizado, com cisões nas direções sindicais e crescente disposição de combatividade da base, inclusive nos sindicatos controlados

pela cúpula cutista. E é nesse contexto que a FIFA exige praticamente um “regime de exceção” para a realização da Copa do Mundo, em junho de 2014.

O que levou as massas às ruas?

Claro que não foram apenas os 20 centavos! Em janeiro de 2011, a tarifa de ônibus em São Paulo subiu de R\$ 2,70 para R\$ 3,00, ou seja, 30 centavos e, no entanto, não mais do que 5 mil pessoas saíram às ruas contra o aumento. Foram realizadas manifestações semanais durante mais de 2

meses. Houve muita repressão policial, e não houve adesão das massas ao movimento.

Alguns avaliam que foi a pesada repressão policial à manifestação da fatídica quinta-feira (13/06) que fez despertar multidões para as ruas. Mas cotidianamente a polícia reprime a juventude nas periferias de São Paulo, do Rio de Janeiro e de todos grandes centros urbanos e pouquíssimos saem às ruas para protestar. Chacinas ocorrem aqui e acolá e as massas seguem sua rotina habitual. O massacre de Pinheirinho em janeiro de 2012, o massacre dos Guarani-Kaiowá, a construção da hidrelétri-

ca de Belo Monte, só para ficar em alguns exemplos, causaram muita indignação nas redes sociais, mas nada de levar massas às ruas.

Na verdade, o que estamos vendo é um fenômeno bastante conhecido pelos marxistas: a lei dialética da transformação da quantidade em qualidade e da qualidade em quantidade. O acúmulo de uma série de eventos nos últimos anos levou a uma situação insustentável, de tal forma que uma única gota d'água poderia fazer transbordar o copo. Vimos o mesmo acontecer um pouco antes na Turquia. O país que liga a Europa ao Oriente Médio, a Turquia, vinha sendo considerado pelos analistas burgueses como o modelo de aplicação das políticas econômicas. Mesmo durante a crise internacional, assim como o Brasil, a Turquia conseguiu sustentar razoáveis taxas de crescimento econômico, altos níveis de emprego, etc. Para os senhores que não conhecem a realidade e substituem a análise concreta por estatísticas, a Turquia era um dos últimos candidatos a se tornar palco de manifestações de massas como as que vinham ocorrendo no Norte da África e Sul da Europa. Pois bem, eis que o governo queria derrubar algumas árvores no Parque Gezi em abril/2013, para construir um centro

comercial no centro de Istambul, e alguns ativistas acamparam no local em protesto. Queriam impedir que as árvores fossem derrubadas. O governo respondeu com uma brutal repressão policial e esta foi a faísca que fez incendiar não só Istambul, mas toda a Turquia em protestos pela derrubada do Governo! Um país que aparentemente gozava de certa estabilidade social, na verdade tinha acumulado uma série de contradições abaixo da superfície e faltava uma gota d'água para o copo transbordar. No Brasil, a gota d'água foi a repressão violenta da PM (Polícia Militar) de SP contra os jovens que lutavam por uma causa justa: a revogação do aumento das tarifas do transporte coletivo.

A gota d'água fez o copo transbordar, mas quando ele transborda, tudo o que estava acumulado, que ajudou a encher o copo nos últimos anos, começa a vir à tona. E então nem é mais a última gota d'água o mais importante. As tarifas foram reduzidas, mas as pessoas continuaram saindo às ruas. Do dia para a noite, parece que tudo se tornou urgente. De repente, quem nunca participou de uma manifestação na vida, agora saía às ruas querendo mudar o país, mudar o mundo.

Saudamos e comemoramos este fenômeno! O despertar de parcelas

Internet

das massas para as ruas só pode ser visto com bons olhos pelos militantes revolucionários. Mas é preciso compreender: o copo transbordou em um momento de despolitização. Não foi resultado de um processo de construção política do período anterior. Pelo contrário, na sua maioria jovens, os que saíram às ruas para expressar sua indignação eram vítimas de um processo de enorme retrocesso político impulsionado principalmente pela política de colaboração de classes levada a cabo nos últimos anos pela direção do PT: quando o PT chega ao governo aliado com os partidos inimigos históricos da classe trabalhadora; quando esses governos de coalizão entre o PT e a burguesia dão sustentação aos velhos políticos de sempre (Sarney, Maluf, etc.); quando o debate eleitoral entre os candidatos do PT e os da oposição de direita (PSDB, DEM) se resume a quem administra melhor o aparelho de Estado e praticamente não se diferenciam politicamente; quando os governos do PT aplicam a política do imperialismo, recebem os senhores da guerra, Bush e Obama de braços abertos; fica difícil cobrar um elevado nível de consciência de classe das massas. Como cobrar dos que saíram às ruas em junho/2013 que diferenciassem PT do PSDB? O clima nas manifestações era de “fora todos”, mas longe de ter algo a apresentar para colocar no lugar. A burguesia assim encontrou terreno fértil para manipular os manifestantes. A responsabilidade disso foi em parte dos que organizaram as manifestações (o MPL – Movimento Passe Livre), mas foi e é em maior parte da direção do PT! A história nos diz: a política de colaboração de classes, em última instância, conduz ao fascismo.

As táticas da burguesia

Algumas semanas antes de terem início os protestos em São Paulo, a luta de alguns milhares de jovens que saíram em passeatas diárias em Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul) conquistou a revogação do aumento

das passagens naquela cidade. Em seguida foi a vez dos jovens de Teresina (capital do Piauí) repetirem o feito. As notícias que chegavam de vários cantos do país deram força ao movimento de São Paulo que já começou com um número de pessoas próximo ao das maiores manifestações ocorridas em 2011, quando houve o aumento anterior (de 3 a 5 mil pessoas).

Para a burguesia, para os donos das empresas de ônibus e para os governantes – Governador Geraldo Alckmin (PSDB) e Prefeito Fernando Haddad (PT) – revogar o aumento das tarifas em São Paulo estava absolutamente fora de cogitação. Esperavam que o movimento agrupasse novamente apenas alguns milhares (que para uma cidade do tamanho de São Paulo é pouco) e com a repressão e o cansaço, após algumas manifestações, o movimento dispersaria, como nos anos anteriores.

Nos primeiros atos (6 e 7 de junho), a PM reprimiu fortemente toda vez que os manifestantes tentaram bloquear alguma via e, por outro lado, a mídia burguesa buscava convencer a todos de que os manifestantes eram baderneiros e vândalos.

Entretanto, apesar da repressão policial e dos problemas de direção do MPL (leia artigo publicado em 12/06/2013 em marxismo.org.br: “É preciso organizar o movimento contra o aumento das tarifas para chegar à vitória!”), a adesão ao movimento foi cada vez maior. No 3º grande ato (11/06), mais de 15 mil pessoas marcharam por São Paulo debaixo de forte chuva. Novamente houve repressão da PM e já podia-se notar entre os manifestantes alguns provocadores que claramente eram infiltrados da polícia para incitar atos de vandalismo e assim buscar “legitimar” a repressão diante da opinião pública.

Um setor da burguesia, que controla o Ministério Público de SP (MP-SP), percebendo que as manifestações estavam crescendo, que o ato de 11/06 teve 15 mil pessoas e o próximo poderia ser ainda maior, elabo-

>> Continua na próxima página



PM-SP reprime manifestantes na Rua da Consolação em 13/06/2013



rou uma tática diferente. Em reunião com o MPL no dia 12/06, o MP-SP propôs um acordo, onde se dirigiria ao governo estadual e à prefeitura para que estes suspendessem o aumento por 45 dias e, em contrapartida, o MPL não convocaria nenhuma manifestação nesse período. Seriam promovidos debates, audiências públicas, etc.

O objetivo deste setor da burguesia que controla o MP-SP era buscar jogar um balde de água fria no movimento que vinha crescendo dia a dia. Como se fosse pedir um tempo técnico numa partida de futebol quando o adversário está pressionando muito próximo da grande área. Queriam ganhar tempo para melhor organizar o time deles e as táticas para derrotar o nosso movimento.

O MPL aceitou a proposta. E não podemos dizer que foi um erro ou “traição”, como alguns grupos de esquerda qualificaram. Se o MPL recusasse, ia passar por intransigente, além da imagem de baderneiro que a mídia já vinha pintando. E, a suspensão de 45 dias do aumento seria entendida por todos como uma vitória do povo. Após 45 dias, quando a passagem voltasse a subir, muito provavelmente a adesão ao movimento seria ainda maior, pois aos olhos de todos, se algumas manifestações tinham sido capazes de suspender o aumento por 45 dias, mais e maiores manifestações poderiam revogá-lo definitivamente.

Com essa mesma avaliação, do outro lado, um outro setor da burguesia, levou o governador Geraldo Alckmin e o prefeito Haddad a recusarem o acordo proposto pelo MP-SP. A linha deste setor da burguesia era outra: não ceder nada!

Entretanto era evidente que as manifestações estavam crescendo. Nas redes sociais, dezenas de milhares confirmavam presença nos atos convocados de um dia para o outro. Em menos de 3 dias teria início a Copa das Confederações no Brasil e todos os olhos do mundo estariam voltados para cá. O Governo não podia aceitar o acordo proposto pelo MP-SP, mas

também não podia mais seguir a tática de esperar o movimento dispersar-se com o cansaço. Para eles era preciso dar um basta logo! Esmagar o movimento naquela semana!

Alckmin vai à imprensa em 12/06 e diz que para o ato do dia seguinte a tolerância seria zero. O ministro da justiça, José Eduardo Cardozo (PT), oferece ajuda a Alckmin e Cabral para reprimir as manifestações em SP e no Rio. No dia 13/06 os prédios da prefeitura de São Paulo e do Teatro Municipal (local marcado para a concentração do ato) são evacuados e são posicionados vários batalhões da tropa de choque desde cedo. Pelotões da PM se espalham pelas ruas ao redor e, antes mesmo do ato começar, milhares de pessoas que passavam por ali foram revistadas pela polícia. Todos que carregassem vinagre em suas bolsas e mochilas eram presos, inclusive a imprensa. Algumas centenas foram presos e passaram horas na delegacia de polícia até serem liberados. O argumento da polícia era de que as substâncias eram suspeitas e poderiam conter material inflamável para produzir explosivos. Os cidadãos presos só seriam soltos após a perícia averiguar o vinagre (que é usado para minimizar os efei-

tos do gás lacrimogêneo, além de ser uma substância absolutamente inofensiva e tempero comum na culinária brasileira).

Militantes da Esquerda Marxista ficaram mais de meia hora detidos apenas porque se dirigiam ao local do ato carregando faixas. Ao final, como não tinham vinagre, foram liberados, entretanto tiveram suas faixas apreendidas!

Com o pretexto de “denúncias anônimas” de fabricação de bombas caseiras, agentes policiais foram às casas de estudantes, horas antes do início do ato, querendo revistar suas residências ou levá-los sob custódia à delegacia, sem mandado judicial!

Com esse clima de ditadura antes do início do ato, o governo pretendia intimidar os manifestantes. Muitos que tomaram conhecimento de que a polícia estava prendendo as pessoas que carregavam vinagre, desistiram de ir ao ato e voltaram para suas casas. Os manifestantes que carregavam vinagre eram na sua maioria os que já tinham participado dos atos anteriores, portanto um pouco mais experientes e já calejados da repressão. Tirá-los do ato era tático para a PM diante do que estava por vir.

Apesar de toda intimidação e re-

pressão, o ato reuniu cerca de 10 mil pessoas em frente ao Teatro Municipal. A passeata seguiu caminhando pacificamente em direção à Praça da República e começou a subir a Rua da Consolação sentido Avenida Paulista. Cantos e palavras de ordem propiciavam quebrar o clima tenso das horas anteriores e a alegria já tomava conta da maioria dos manifestantes. A PM não estava escoltando a passeata como no ato anterior. Não podíamos ver os policiais, apenas ouvíamos os helicópteros. Agentes policiais infiltrados, disfarçados dos manifestantes mais diversos, ficavam o tempo todo ao telefone celular informando como e por onde seguiam os manifestantes.

Quando a manifestação chegou à altura da Rua Maria Antonia, um batalhão da Tropa de Choque da PM bloqueou a subida da Rua da Consolação. Outro batalhão se posicionou na retaguarda da manifestação e um terceiro batalhão chegou pelo flanco direito, cercando os manifestantes que tinham como única saída seguir pela Praça Roosevelt, à esquerda. O que se seguiu aí foi um massacre. Os três batalhões da tropa de choque começaram a disparar todo armamento não letal de que dispunham contra a

Internet



Largo da Batata em São Paulo, dia 17 de junho de 2013, o sintoma de um novo momento político colocava-se com força



Internet



Em Fortaleza, manifestantes respondem à repressão da PM em junho de 2013

multidão. Saraivadas de bala de borracha, bombas mutilantes (chamadas “de efeito moral”) e muito gás lacrimogêneo. Milhares de pessoas cruzaram a Praça Roosevelt correndo até a Rua Augusta e lá se dispersaram. Um agrupamento de cerca de pouco mais de duas mil pessoas ainda subiu a Rua Augusta rumo à Avenida Paulista, onde encontrariam mais batalhões da Tropa de Choque da PM, inclusive com a cavalaria.

Enquanto os policiais literalmente varriam a Praça Roosevelt com o gás lacrimogêneo e balas de borracha, também iam agredindo qualquer cidadão que estivesse nas calçadas e portas de bares e restaurantes da região. Pessoas que nada tinham a ver com a manifestação eram gratuitamente agredidas pela Polícia. A impressão que se tinha era de que a ordem era para tirar qualquer pessoa das ruas. Mas São Paulo é uma cidade que nunca para. Não dá pra varrer o centro da cidade! Até quem estava nas janelas e varandas de seus apartamentos, apenas olhando o que acontecia ou às vezes filmando com seu celular, etc. recebeu balas de borracha da PM! No youtube há um vídeo de moradores do 7º andar de um edifício na Praça Roosevelt que se tornaram alvo da Polícia, só porque

estavam na varanda filmando!

Além de agredir gratuitamente qualquer transeunte, a PM começou a reprimir brutalmente a imprensa. Todos os fotógrafos, cinegrafistas, jornalistas começaram a ser atacados com balas de borracha. Uma jornalista de um jornal de grande circulação levou um desses tiros no olho, a quadras de distância da manifestação! Um fotógrafo ficou cego. Centenas de presos sofreram agressões e assédio moral. Garotas presas ou abordadas pelos policiais sofreram diversos tipos de abuso.

O tiro saiu pela culatra: as massas entram em cena

No Rio de Janeiro, uma grande manifestação no mesmo dia também foi brutalmente reprimida. Centenas de vídeos e depoimentos circulavam pela internet. Como jornalistas e transeuntes comuns foram agredidos, a grande imprensa mudou o tom e começou a denunciar os exageros por parte da polícia de SP. No dia seguinte no facebook se multiplicavam convocações de atos por todo o Brasil, mesmo em cidades onde não havia tido aumento das tarifas. Já não era mais só pelos 20 centavos. A repercussão da repressão em São

Paulo foi a gota d’água que fez despertar um sentimento de indignação e solidariedade de massas.

O fim de semana foi de muita agitação nas redes sociais, preparando as manifestações convocadas para a segunda-feira, dia 17/06 nas mais diversas cidades. Algumas cidades pequenas que nunca tiveram um protesto de rua antes em sua história, viram quase toda a população nas ruas naquela segunda-feira. Do Rio de Janeiro chegavam notícias de mais de um milhão de pessoas nas ruas. Em São Paulo, desde cedo o clima era de fraternidade entre as pessoas. Como se todos soubessem o que estava por vir. O ato estava marcado para as 17h no Largo da Batata. Duas horas antes as pessoas já estavam cantando palavras de ordem dentro dos ônibus, vagões de trem e metrô. Onde tivesse aglomeração o clima já era de manifestação. As autoridades decidiram fechar a estação de metrô de Pinheiros, que fica no Largo da Batata, obrigando milhares de pessoas a descer em outras estações e caminhar alguns quilômetros até o local de concentração do ato. A superlotação obrigou as autoridades a reabrirem a estação por volta das 17h30. Uma multidão de incontáveis milhares dentro da estação cantava em uníssono as palavras de ordem pela revogação do aumento e contra a repressão. Às 18h o Largo da Batata está completamente tomado e todas as vias de acesso ao seu redor estão entupidas de gente. A imprensa falou em mais de 100 mil pessoas, mas nos parecia óbvio que era muitas vezes mais que isso. Fotos aéreas mostravam um Largo da Batata quase idêntico à Praça Tahir, no Cairo, tomada pela juventude egípcia que tinha derubado Mubarak.

Para os militantes da Esquerda Marxista estava claro: com as massas nas ruas, não estava ao alcance apenas a revogação do aumento, mas a derrubada do responsável pela repressão da semana anterior: o chefe da PM-SP, o governador Geraldo Alckmin. Inclusive em nossa faixa estava em letras garrafais: ABAIXO

A REPRESSÃO! FORA ALCKMIN! LIBERDADE PARA TODOS OS MANIFESTANTES PRESOS!

O MPL era a direção reconhecida pelas massas naquele momento. O MPL tinha a autoridade política para dirigir as massas até o Palácio do Governo e exigir a renúncia do Governador. Mas, como nos atos anteriores, o MPL não dirigiu nada de maneira democrática. Não abriu espaço para que nós ou quaisquer outros pudessem apresentar propostas. Não permitiram qualquer tipo de microfone, amplificação de som, etc. E realizaram o que eles já haviam organizado entre eles, sem sequer explicar aos milhares de manifestantes, a quem restou segui-los cegamente, mais uma vez. O MPL então dividiu a manifestação em duas. Um grupo guiou uma passeata que foi até a Marginal Pinheiros e outro grupo guiou outra passeata que seguiu pelas avenidas da região mais rica de São Paulo, até que as duas passeatas se cruzassem na Ponte Estaiada sobre o Rio Pinheiros. Este era o objetivo do MPL. Depois disso? Dispersar. Queriam apenas um espetáculo visual de milhares de pessoas cruzando a ponte mais “chique” de São Paulo. Alguns dias depois irão pagar um preço alto por sua inconsequência.

Com as massas nas ruas, a tática da burguesia mudou. Na manifestação de São Paulo, não havia uma viatura policial sequer, nenhum policial fardado. De fato, a indignação da população era tão grande contra a PM que a multidão poderia facilmente avançar se encontrasse policiais fardados. Mas eles estavam nas ruas, aos milhares, entre os manifestantes, à paisana. E agiram para dispersar a manifestação. Disfarçados de manifestantes comuns, aos gritos sugeriam aos manifestantes para que mudassem o percurso, bifurcassem e dividissem as passeatas. Como o MPL não usa carro de som, não era possível ver nem ouvir quem estava à cabeça da passeata. Os manifestantes no meio da multidão, sim-

>> Continua na próxima página



Tropas da PM carioca reprimem manifestantes que protestavam em frente ao Maracanã durante Copa das Confederações (16/06/2013)

plesmente seguiam as pessoas que estavam imediatamente à sua frente. Assim, se convencesse um pequeno grupo a mudar o rumo, milhares vinham atrás de você. Isso levou a manifestação a se dividir em várias passeatas menores. Milhares de manifestantes vagaram sem objetivo por mais de 5 horas por dezenas de quilômetros em São Paulo naquela noite de segunda-feira. Cerca de 100 mil foram até a ponte estaiada “por dentro” seguindo uma das frentes do MPL. Outro número semelhante seguiu a outra frente do MPL até a outra alça da ponte estaiada, indo pela Marginal Pinheiros, para em seguida dispersarem-se. Cerca de 50 mil pessoas foram desviadas por policiais infiltrados para a Avenida Paulista, onde o clima era de festa. Um outro número desconhecido ocupou a Av. 23 de Maio. Cerca de 20 mil pessoas romperam com uma das frentes do MPL e foram ao Palácio dos Bandeirantes (sede do governo estadual). Outras vias ainda foram tomadas por focos menores.

Inexplicavelmente a maioria dos telefones celulares não funcionava em São Paulo naquela noite. As pessoas não conseguiam se comunicar durante a manifestação. Quando conseguiam sinal, os que estavam indo ao Palácio chamavam seus conhecidos que estavam perdidos em outros focos de manifestação. Até a meia noite ainda estavam chegando grupos de manifestantes ao Palácio, mas ainda muito aquém do que poderia ser se o MPL tivesse dirigido o ato para lá.

Um dos camaradas da Esquerda Marxista correu por mais de uma hora até a cabeça de uma das passeatas e alcançou a frente pouco antes de chegar à ponte estaiada. Falando com os membros do MPL que dirigiam a passeata, propôs que a guiassem para o Palácio dos Bandeirantes, para derrubar o governador. Mas os dirigentes do MPL estavam atordoados, perdidos, sem saber o que fazer. Não tinham sinal de celular e não conseguiam se comunicar com os outros que estavam à frente

da outra passeata. Já sabiam que os manifestantes haviam se dividido em várias passeatas, mas não sabiam porque isso tinha acontecido e nem como resolver.

Próximo da meia-noite os manifestantes que estavam no Palácio dos Bandeirantes, sem direção e sem ver chegar a maioria dos que estavam no Largo da Batata para apoiá-los, se dispersaram e correram para a estação de trem mais próxima para voltar às suas casas antes que as estações fechassem. Mas as massas tem poder e perceberam isso naquela noite, inclusive segurando as estações abertas e fazendo os trens circularem até depois do horário, com palavras de ordem, até que todos os manifestantes tivessem conseguido embarcar.

Muitos voltaram para casa decepcionados naquele dia. Afinal, no início, o sentido de comunidade, fraternidade, daquelas centenas de milhares de pessoas nas ruas por uma causa comum, dava uma sensação de poder muito grande. Entretanto, nada foi feito. O MPL colocou-os a va-

gar sem qualquer objetivo claro e não foi capaz de assegurar a unidade da manifestação que acabou se dividindo em múltiplas passeatas menores. Isso desanimou muita gente e, no dia seguinte, a adesão foi bem menor.

Outra tática usada pela burguesia, além de dividir as passeatas, foi o de insuflar a juventude contra os partidos, em particular contra os “vermelhos”. Já na segunda-feira, alguns policiais infiltrados, mascarados, gritavam para que organizações de esquerda baixassem suas bandeiras, mas sem sucesso.

Já no dia seguinte (18/06), numa manifestação com cerca de 50 mil pessoas na Praça da Sé e milhares de policiais infiltrados, eram puxadas palavras de ordem como “Sem partido! Sem partido!” e “O povo unido não precisa de partido!”. Os militantes do PSTU e PCR que tentaram levantar suas bandeiras foram agredidos e tiveram suas bandeiras baixadas. A Esquerda Marxista manteve suas faixas erguidas, mas sofreu muitas ameaças. A juventude mais

despolitizada aderiu rapidamente às palavras de ordem lançadas pelos policiais infiltrados. Diante das massas nas ruas, a tática da polícia era cessar a repressão aberta e reprimir veladamente apenas os grupos organizados, colocando as massas contra eles.

Se o MPL tivesse aceitado formar um comitê unificado como propusemos a eles em maio/2013, se permitisse caminhões de som nas manifestações e tivesse uma conduta democrática, a polícia não teria sucesso com esse tipo de tática. Mas o próprio MPL não conseguia dialogar com as massas. Depois de colocar as massas contra os “vermelhos”, a polícia infiltrada começou a trabalhar em coordenação com grupos de extrema direita, alguns de orientação nazista que, disfarçados de manifestantes comuns, atacavam os manifestantes de esquerda, o que acirrava ainda mais os ânimos da massa de manifestantes contra os “vermelhos”.

Na quarta-feira (19/06), Alckmin e Haddad juntos anunciam a revogação do aumento. O MPL mantém o ato convocado para o dia seguinte, agora com o caráter de comemoração. Mas na quinta-feira (20/06), em São Paulo e no Rio de Janeiro, todos que estavam com bandeiras

vermelhas foram expulsos das passeatas. Skinheads, neonazistas, integralistas, mussolinistas, nacionalistas radicais e outros grupos de extrema direita, organizados pela Polícia Militar com agentes infiltrados, à paisana, insuflaram uma camada de jovens despolitizados envoltos em bandeiras do Brasil contra os “vermelhos”. Até o MPL, que usa a cor preta, e que é quem convocou os atos, se retirou das manifestações reconhecendo que a direita havia tomado o controle. Sem ter mais a bandeira comum que era pela revogação do aumento e depois de ter experimentado 3 dias de manifestações sem repressão policial aberta, a massa que estava nas ruas ficou sem um programa claro. E a burguesia, através de seus agentes infiltrados e através da mídia, colocou o programa que quis. Surgiram palavras de ordem como “Fora Dilma!”, “Fora PT!”, “Joaquim Barbosa presidente!”, etc.

No dia seguinte, os atos convocados por Anonymous e similares no facebook eram dirigidos por nazistas e coisas do gênero. E assim continuou na semana seguinte, até que se dispersaram. As direções do PT, da CUT, da UNE – que são os que têm peso e aparelho para fazer

Internet

frente a isso – nada mobilizaram para enfrentar essa ofensiva, justamente porque estão comprometidas com a manutenção da ordem e, combater a apropriação da direita, significaria retomar o caráter de esquerda dos atos, de luta por mudanças.

Ao contrário do que várias organizações de esquerda concluíram, isso não quer dizer que a juventude que saiu às ruas era “fascista” ou “de direita”. No fundo os jovens que começaram a participar pela primeira vez de manifestações políticas querem ter mais acesso aos serviços públicos, querem saúde, educação, transporte, lazer. E querer isso não significa ser “de direita”. Pelo contrário, são de esquerda! Mesmo que não saibam disso. Mesmo que ainda não tenham compreendido que é o sistema capitalista que os impede de ter acesso a tudo isso. Claro, pois a ideologia predominante na sociedade é a ideologia da classe dominante.

Eles concluíram que para defender seus interesses não poderiam deixar as coisas para os políticos, mas deveriam agir por si mesmos. Isso mostra um instinto revolucionário correto. Aqueles que menosprezam o movimento como “meramente espontâneo” mostram sua ignorância sobre a essência de uma revolução que é precisamente a intervenção direta das massas na política. Essa espontaneidade tem uma força enorme, mas em certo ponto poderá tornar-se uma fraqueza fatal ao movimento.

É óbvio que o movimento de massas irá necessariamente sofrer de confusão em seu estágio inicial. As massas podem apenas superar essas debilidades através da experiência prática da luta. Mas para que tenham sucesso, é absolutamente necessário passar pela confusão inicial e ingenuidade, para crescer e amadurecer, e chegar às conclusões corretas. A consciência da juventude está em disputa, e temos a vantagem de ter ao nosso lado as soluções para as suas necessidades materiais, enquanto a direita só tem a oferecer mais capitalismo e sofrimento.

O período atual às vésperas de junho de 2014

A consciência se materializa em organização. Se não consegue se materializar em organização, acaba refluindo. Grande parte da consciência da juventude que despertou em junho acabou refluindo com esses desenvolvimentos desastrosos. Mas muitos continuaram querendo mudar as coisas, mudar o mundo, porém não sabem como e não têm ilusões de que seja possível fazê-lo através da política institucional e dos partidos tradicionais. São jovens entre 15 e 24 anos de idade que não viveram a época em que o PT encabeçou grandes lutas da classe trabalhadora. Só conhecem o PT que trai sua classe. Para eles, todos os partidos são iguais. Assim, muitos jovens buscaram se organizar com o MPL, porém este se mostrou impotente não só por seus métodos inadequados, sua incapacidade de dirigir manifestações massivas, mas também quando se limitou a lutar apenas pela questão do transporte, se negando a levantar outras bandeiras. Muitos outros buscaram o Anonymous, que na verdade não tem um programa claro, nem uma direção conhecida, pode ser qualquer um atrás de uma máscara, e já foi há muito sequestrado pelos serviços de inteligência do Estado burguês. E, uma parte dos jovens mais radicalizados, que fez experiência com MPL, Anonymous e nada lhe serviu, acabou aderindo aos blocos de anarquistas: os Black Blocs.

Mas os Black Blocs que atacam a polícia e os “símbolos do capitalismo” não têm programa, só expressam o ódio pelo sistema – o que é justo –, mas não levantam reivindicações e não conseguem oferecer a perspectiva política que esses jovens buscam. É isso que explica porque mesmo com a repercussão da combatividade dos Black Blocs eles não conquistam adesão de massas. O jovem que quer mudar as coisas se pergunta com razão: “De que serve quebrar as coisas e

>> Continua na próxima página



Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo (PT), oferece ajuda para a repressão

enfrentar a polícia se não estamos reivindicando nada? Somos reprimidos e tudo continua igual!” No Rio de Janeiro, os Black Blocs tiveram uma adesão um pouco maior principalmente por conta de uma peculiaridade: durante a greve dos professores, na ausência de uma organização mais efetiva, os Black Blocs acabaram organizando os cordões de segurança das manifestações, defendendo os professores da repressão policial. Mas em São Paulo e outros lugares nada semelhante a isso ocorreu. A juventude que desperdiçou ainda não consegue se identificar com nada que está posto e levará algum tempo para que se encontre e construa suas próprias formas de organização e sua plataforma política.

O fenômeno dos Black Blocs ajuda o Estado a “legitimar” a repressão, que recai não só sobre os Black Blocs, mas sobre todos que queiram se manifestar. E sem as massas nas ruas, a tática da polícia voltou a ser a da repressão aberta.

O período atual, pós-Junho, está marcado por essa imensa massa de juventude que ainda não conseguiu definir sua consciência de maneira a poder materializá-la na forma de organização mais adequada, mas também por outros quatro importantes fatores:

1. A política de privatizações do Governo Dilma-Temer, coroada pelo Leilão do Campo de Libra, reafirmando a total submissão do governo de coalizão aos ditames do capital financeiro internacional. Mas, mais que isso, ter colocado o Exército, a Marinha e a Aeronáutica contra os sindicalistas e manifestantes, para garantir o leilão, demarca um salto de qualidade no que diz respeito à repressão estatal. Não há precedentes no período pós-ditadura militar de algo assim.

2. Foi ressuscitada a LSN (Lei de Segurança Nacional), lei da época da ditadura que ainda não foi revogada, para enquadrar manifestantes como terroristas. A GLO (Garantia da Lei e da Ordem) autoriza o uso das forças armadas contra a população e o Ministro da Defesa, após definir no Manual da GLO os movimentos sociais como “forças opo-

nenentes”, declarou que as tropas ficarão aquarteladas durante a Copa do Mundo, de prontidão para qualquer necessidade. O Congresso está prestes a aprovar uma lei antiterrorismo (PL 728/2011) que busca caracterizar qualquer manifestação popular como ato terrorista, sob pena de até 30 anos de prisão! Apelidado de AI-5 da Copa, o mesmo PL propõe proibir até mesmo greves 2 meses antes e durante a Copa do Mundo!

3. Com a condenação dos acusados na Ação Penal 470 pelo STF (Supremo Tribunal Federal), abriu-se o precedente para criminalizar qualquer entidade ou organização do movimento operário-popular-estudantil simplesmente enquadrando qualquer um de seus filiados em algum crime e depois aplicando a chamada “teoria do domínio do fato” conforme foi aplicada na AP470 pelo STF, mesmo se não houver qualquer prova.

4. A Copa do Mundo vai ocorrer em estádios construídos sobre o sofrimento e sangue de milhares de famílias que foram violentamente desalojadas de suas casas para as obras do entorno dos estádios nas cidades sede. Enquanto o povo sofre esse tipo de violência e continua a ver a falta de investimentos nos serviços públicos, que perpetua uma situação de escolas sucateadas, falta de vagas nas universidades públicas, mortes nas filas dos hospitais, transporte público caro e superlotado, os estádios recebem todos os investimentos para recursos da melhor qualidade e são construídos com grande celeridade, enquanto hospitais, universidades, etc. levam anos, às vezes décadas, para ficarem prontos. Isso mexe com o psicológico das massas.

E todos lembramos como a Copa de 2010 na África do Sul foi precedida por uma onda de manifestações massivas. Não há razão para ser diferente aqui no Brasil. Mas os atos convocados por ocasião da Copa, mesmo que reúnam uma ampla quantidade de ativistas, se ficarem limitados sob a consigna “Não vai ter Copa”, não devem ganhar adesão de massas. Pois embora as pessoas fiquem indignadas com

as injustiças escancaradas pela Copa, a maioria quer Copa, quer futebol. A maioria quer estádios sim, mas também quer transporte, saúde, educação, gratuitos, para todos e com a mesma qualidade dos estádios da Copa. Não se trata de nos opor à Copa (isso não abre diálogo com as massas), mas de denunciando os abusos e injustiças cometidos em nome da Copa, levantar as reivindicações concretas do povo trabalhador e da juventude antes, durante e após a Copa do Mundo. O perigo nesta situação é que, como a classe operária provavelmente não vai entrar em cena de maneira organizada, com seus métodos próprios de luta, e nem devem ser atos de amplas massas, a vanguarda fique isolada e seja duramente golpeada pela repressão, o que em nada contribuiria para o desenvolvimento das lutas que estão à frente. O que pode modificar esta situação e recolocar milhões nas ruas é a repressão escandalosa que o governo prepara em unidade nacional com todos os covardes reacionários governantes deste país em todos os níveis.

É neste sentido que entendemos que todos aqueles que embarcaram na resposta diversionista que a direção do PT e o governo Dilma deram às ruas, ou seja, a proposta de luta por uma “Constituinte exclusiva para Reforma Política”, cometem um grande equívoco ao colocar como tarefa central de 2014 um plebiscito popular por este instrumento de aperfeiçoamento do aparelho de Estado burguês. Tal reforma política como está proposta, além de uma série de atentados aos preceitos democráticos, não resolveria nenhum dos problemas concretos do povo trabalhador. Apenas serve para esconder que o PT já está governando, mas não para a classe trabalhadora e sim para os banqueiros, empresários, latifundiários, multinacionais e especuladores em geral. Como se o problema fosse de que o governo não tem maioria no Congresso. Oras, o governo está aliado com a maioria do Congresso! Que se alie com as ruas então, com os milhões de jovens e trabalhadores que exigem mudanças e se o Congresso resistir, que seja varrido

pelas massas. Ou essa não foi a vontade expressa nas ruas em junho?

A resposta da direção do PT às ruas é na prática uma tentativa de reformar o próprio Estado burguês e suas instituições. Lamentável que o reformismo tenha contaminado um espectro tão grande das organizações e movimentos de esquerda no Brasil, que promovem a campanha pelo tal plebiscito. Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky e tantos outros já deixaram claro há mais de um século que não se trata de reformar o Estado burguês, mas de destruí-lo e construir um Estado de outro tipo em seu lugar, um Estado operário, socialista, baseado em outras instituições. A atual campanha pela reforma política é de um reformismo capitulante profundo e busca alimentar as ilusões nas instituições e na democracia da burguesia.

De nossa parte, não ficamos agitando nem “contra a Copa” e nem “pela Constituinte da Reforma Política”. Para nós, a tarefa central é a luta pela frente única. Ou seja, a luta pela unidade das massas em torno de um programa comum, um programa anticapitalista, anti-imperialista, socialista, que na nossa opinião se traduz na luta contra a criminalização dos movimentos populares e a construção em cada escola, cada faculdade, cada centro comunitário, dos comitês de luta da campanha “Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde, Educação! Abaixo a Repressão!”. Por esse caminho podemos mobilizar, organizar e avançar na luta pelo fim do capitalismo e a construção do socialismo, abrindo a via para a solução de todos os problemas que afligem nossa sociedade. ●



Facebook: /PublicoGratuitoParaTodos

Uma Copa do Mundo para quem?

Alex Minoru e Gabriel Pinho

A Copa do Mundo deixou de ser um assunto exclusivo dos cadernos esportivos. Em outros tempos, a preocupação central seria o desempenho da seleção, dos ídolos, as chances de levar a taça. Entretanto, definitivamente, os tempos são outros.

A competição mundial desse apaixonante esporte trouxe à tona uma série de contradições entre os interesses públicos e privados, da burguesia e do proletariado.

Dinheiro público escorre das torneiras dos governos para a realização desse evento. No total, estima-se que mais de R\$ 30 bilhões saíram dos cofres públicos para obras da Copa!

O desperdício fica evidente em alguns casos. A Arena Amazônia custou R\$ 605 milhões (tudo pago com dinheiro público). Um estádio que vai receber 4 jogos da Copa e depois cair em desuso, já que o futebol não é o forte da região. O campeonato Amazonense teve uma média de 640 pessoas por jogo, o novo estádio tem capacidade para 44.310 torcedores, seu custo de manutenção será de R\$ 6 milhões por ano (sob responsabilidade do governo estadual). Para se livrar desse “elefante branco”, cogitam transformá-lo em um presídio após a Copa. Talvez já pensando em um local para abrigar os manifestantes que estão sendo reprimidos e criminalizados.

O Maracanã, reformado pela terceira vez nos últimos 15 anos, consumiu R\$ 1,19 bilhão dos cofres públicos! Um valor maior do que de estádios que foram construídos do zero, como a Arena Corinthians (o Itaquerão), em São Paulo, que deve sair por R\$ 855 milhões. O mais vergonhoso é que depois de reformado, o Maracanã, símbolo histórico do fu-



Povo é excluído da Copa: Estádio para ricos em Salvador-BA, com garçons, whisky e restaurantes

tebol, foi privatizado, sendo levado por um consórcio formado pela Odebrecht (construtora brasileira), IMX (de Eike Batista) e AEG (dos EUA). Esse consórcio pagará 7 milhões ao ano por 33 anos (a concessão é de 35 anos, mas estão isentos de pagar nos 2 primeiros anos), isso dará um total de 231 milhões para o governo carioca, valor muito abaixo do gasto com a última reforma e o equivalente a 18% do valor gasto com as 3 últimas reformas no Maracanã.

No mês de junho de 2013, durante as grandes mobilizações que tomaram o país, podíamos ler cartazes que reivindicavam ironicamente hospitais com padrão FIFA, manifestantes cantando “da Copa, eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”. Eles estavam absolutamente corretos em apontar essas contradições, mais uma face da submissão do governo Dilma aos interesses do capital.

Quem ganha com a Copa?

Os defensores da Copa dizem que haverá a injeção de bilhões na economia nacional, mas não explicitam que a maior parte desse dinheiro vai para a burguesia, nacional e internacional.

A direção do PT, do PCdoB, e outros setores governistas, defendem que a Copa deve ser realizada e que ela não deve ser considerada um empecilho para os investimentos em setores sociais, como na saúde e educação, por exemplo, além de considerar que os movimentos contrários à Copa são de direita e buscam apenas desestabilizar o governo federal. É uma análise completamente falsa, estreita e superficial.

A realidade é que jovens e trabalhadores sentem uma legítima indignação por sofrerem cotidianamente em transportes públicos lotados, caros e de má qualidade, em escolas decadentes, em filas de hospitais sem

estrutura e médicos, enquanto o governo está despejando bilhões para realizar um evento que nem sequer poderão desfrutar.

Um ingresso para a abertura da Copa está entre R\$ 160,00 e R\$ 990,00, um ingresso para a final, entre R\$ 330,00 e R\$ 1980,00. O ingresso mais barato, para um jogo na fase de grupos, no pior local do estádio, sai por R\$ 60,00. Quem quiser acompanhar a seleção brasileira, da abertura até a final (caso chegue à final, é claro), no melhor setor dos estádios, pode comprar um pacote de ingressos que sai por R\$ 6700,00, além de ter que comprar as passagens aéreas para os locais dos jogos, hospedagem, etc. A verdade é que, para a maioria absoluta dos trabalhadores, essa Copa, como todas as outras, será vista bem longe dos estádios, pela televisão.

>> Continua na próxima página

O papel da FIFA

Segundo o secretário-geral da FIFA, Jerome Valcke, a FIFA ganhará US\$ 3,5 bilhões com os direitos de comercialização do Mundial do Brasil. Entretanto, gastará US\$ 3,3 bilhões para realizar o torneio. “No final, a Fifa terá um resultado positivo de US\$ 200 milhões que vão para nossas reservas”, disse Valcke. Tudo leva a crer que esses números estão subestimados. Uma empresa de auditoria, a BDO, estima que a arrecadação da FIFA com o mundial será, na realidade, de US\$ 5 bilhões, a maior parte com direitos de transmissão de TV, seguido pelo marketing gerado em torno do evento.

O futebol profissional movimenta muito dinheiro e muitos interesses em todo o mundo. A FIFA é a organização capitalista internacional que gerencia esse lucrativo negócio. Seu poder e influência são imensos. É só ver as exigências impostas para a realização da Copa e a submissão do governo brasileiro em acatá-las.

Estádios precisam ser construídos seguindo um padrão determinado, o padrão FIFA. Novas leis são feitas para atender os organizadores, a meia-entrada deixou de ser um direito para os estudantes, já que só vai valer para as piores áreas do estádio. Não é exagero dizer que um regime de exceção será implantado durante a realização da Copa.

Repressão e criminalização

Os governos estaduais e o federal estão incrementando o seu aparato repressivo. Já foi dado início aos investimentos grotescos em armamentos e tecnologias para a repressão, além de modificações na legislação, como a “lei antiterrorismo”, que visa classificar manifestações como “ato-terrorista”. O governo federal cria uma tropa de choque formada por 10 mil policiais para conter protestos durante a Copa do Mundo.

Além disso, tramita um PL, que conta com a vergonhosa co-autoria do Senador Walter Pinheiro, do PT,



Manifestantes repudiam ingerência da FIFA nas questões públicas do país durante a Copa das Confederações

e que pode condenar manifestantes que realizarem atos durante a Copa entre 15 e 30 anos de prisão. O projeto também limita o direito de greve durante o evento para os serviços considerados de “interesse social”.

O Ministério da Defesa anuncia que manterá as tropas do exército aquarteladas durante a competição. Prontas para entrar em ação contra os protestos, caso as polícias militares necessitem de reforços.

São extraordinários avanços na ofensiva de repressão e criminalização dos movimentos sociais. Com o PT e o governo Dilma encabeçando. Obviamente, tudo isso não está sendo feito apenas para garantir a realização da Copa, eles querem se preparar para a luta de classes, que vai muito além dos protestos contra a Copa do Mundo.

Manifestações contra a Copa

Todos os ataques contra a classe trabalhadora que estão ocorrendo por conta da realização da Copa devem ser denunciados e combatidos: o des-

perdício de dinheiro público, a morte de operários nas construções, as desapropriações de famílias trabalhadoras para construir estádios, estacionamentos e vias de acesso. A ofensiva de repressão e criminalização.

Mas tentar impedir a realização da Copa é uma batalha desproporcional contra o governo e as forças repressivas. Conseguimos agregar as massas com essa bandeira? O que muda fundamentalmente, agora, impedir a realização da Copa?

Consideramos que a convocação de manifestações “Não vai ter Copa” carecem de bandeiras concretas e métodos corretos. Os Black Blocs, que formavam uma linha de frente na manifestação do dia 25 de janeiro em São Paulo, com seu método de enfrentamentos e ataques a bancos e outros símbolos do capitalismo, acabam, na realidade, afastando a população das manifestações e ajudando a criar “pretextos” para a repressão.

É preciso mobilizar jovens e trabalhadores em defesa de investimentos reais em setores sociais e a ruptura do governo com o capital, o que

começa com o Não Pagamento da Dívida Pública, que deve consumir mais de R\$ 1 trilhão em 2014 (o dinheiro gasto com a Copa parece uma migalha diante dessa soma).

Com esse objetivo, os militantes da Juventude Marxista impulsionam a campanha “Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde e Educação! Abaixo a repressão!”, criando comitês de luta em todo o país (Leia o manifesto em: www.facebook.com/PublicoGratuitoParaTodos).

A luta de classes se desenvolve antes, durante e depois da Copa. Devemos dialogar com os que se indignam por conta da realização desse evento esportivo, explicando que o problema é esse e muitos outros, mais profundos. Na realidade, o sistema capitalista é o problema central.

Organizar, elevar o nível de consciência da classe trabalhadora e da juventude, educar com a política e os métodos corretos, é a tarefa primordial dos revolucionários em todo o mundo para pôr abaixo esse sistema e construir uma verdadeira saída: o socialismo. ●



Informe ao 30º Congresso da Esquerda Marxista – 2ª Parte

Uma virada na situação política e a construção da Esquerda Marxista

A 1ª parte deste texto foi publicada na edição 53

Qual é a resposta verdadeira às jornadas de junho?

Ao invés de apontar o dedo diretamente na cara daqueles que, governando o país, se recusam a atender as reivindicações, atacam as conquistas e entregam o país e seu povo trabalhador nas mãos das multinacionais e do capital financeiro, os pequeno-burgueses buscam desviar a atenção e transformar o tsunami popular em intrincadas manobras políticas e parlamentares desviando as massas de seu caminho.

É por isso que a Resolução da Direção Nacional do PT dá tamanha ênfase à Reforma Política e à Constituinte exclusiva e não diz uma palavra sobre o programa real que o governo se prepara para aplicar no segundo semestre/2013: o maior pacote de privatizações, em valor, da história do Brasil, incluídos aí portos, aeroportos, ferrovias, estradas, poços de petróleo, hidrelétricas, hospitais universitários, etc.

O objetivo da ofensiva do PT e do governo com estas supostas respostas ao clamor das ruas é exatamente fazer fumaça e esconder o programa real de “reformas” capitalistas que pretendem seguir aplicando, ou seja, contrarreformas, privatização, pilhagem e submissão ao imperialismo.

Mas, os fogos de artifício não duram. A vida das massas é governada pelas questões concretas. A história é mais forte que os aparelhos. E a única resposta socialista aos anseios

populares é a realização da plataforma de luta levantada pela Esquerda Marxista de fim das privatizações e reestatização de tudo o que foi privatizado, cancelamento da Dívida Interna e Externa, Reforma Agrária, estatização do sistema financeiro, expropriação das multinacionais e grandes empresas, atendimento das reivindicações populares e planificação da economia por um governo da República Socialista dos Conselhos, como parte integrante da luta pela República Socialista Universal dos Conselhos.

E queira ou não Lula e a direção do PT, no próximo período é muito provável que venham a ocorrer e se acentuar choques das massas com o governo federal. Sem falar nas campanhas salariais de grandes categorias que se desenvolverão ainda este ano num quadro de austeridade do governo e de dificuldades econômicas ampliadas. Mesmo que isso não seja linear e nem se possa prever os ritmos e os prazos, é neste sentido que a luta de classes caminha no Brasil.

E isto continuará a mudar a re-

lação das massas com o PT, inclusive nos setores decisivos da classe operária. Isto não é, entretanto, linear e não quer dizer que o PT será liquidado ou derrotado nas eleições. As massas podem continuar a votar no PT enquanto não acreditarem que têm outra opção para barrar os partidos declaradamente capitalistas. E se isso carrega uma dose de insuficiente consciência sobre o que é verdadeiramente o PT, também demonstra que as massas têm uma

>> Continua na próxima página

Internet



Dilma vai à TV para dizer que “é preciso ouvir a voz das ruas”, mas aprofunda privatizações e a repressão

enorme consciência de classe que a direção do PT não conseguiu destruir apesar de toda sua política de colaboração de classes com a burguesia.

Problemas de tática

Um elemento concreto da situação é o início do afastamento ou ruptura de bases do PT em diversos lugares, mesmo que ainda sem um enfrentamento generalizado ou em setores decisivos. Não só as anunciadas publicamente, como no Maranhão, em bases operárias como no ABC, ou em outros estados, mas aquelas constatadas por nossa própria atividade, com as dificuldades ampliadas que tivemos desta vez na coleta de assinaturas e pagamento de cotizações para o PED.

É evidente o distanciamento e mesmo o repúdio da maioria da juventude aos partidos que não fazem outra coisa que enganar a todos e governar para o capital. E é preciso constatar que isso atinge muito fortemente o PT que governa o país. As tentativas de dirigir a raiva das massas para objetivos menores, governadores e prefeitos, mesmo se eles fazem parte do problema, não atraem massas significativas. E com razão. Os problemas da vida são de responsabilidade primeira do governo federal.

Esta situação em desenvolvimento e nossas perspectivas exigem da EM uma precisão na forma de agir e construir a organização, ou não haverá crescimento mesmo com uma linha política “em geral” correta. Na atual etapa da luta de classes, é extraordinariamente difícil atrair jovens ou militantes de vanguarda para entrar na EM se eles têm como porta de entrada obrigatória aderir ao PT, o partido do governo.

É preciso entender que nossa linha política, de manter as posições no partido operário-burguês enquanto se prepara um choque das bases com a direção, não é evidente para um militante de vanguarda que reage contra a política do capital e encon-



Força Nacional reprime protesto contra o Leilão de Libra em outubro de 2013, no Rio de Janeiro

tra na barricada capitalista todos os dirigentes e governantes do PT. Ele pode ser atraído pelo marxismo, pelo comunismo e pela revolução, mas isso não significa que está pronto para entender nossa linha de manter os postos nas organizações de massa e preparar o futuro quando correntes de massa se choquem com os dirigentes do PT.

Ao iniciar sua educação política levado pelos combates imediatos, o militante é levado a combater de forma às vezes ingênua e mesmo empírica sem levar em conta as relações estabelecidas pelos trabalhadores com suas organizações e suas tradições, sem método e de “peito aberto”, como se a luta política de classes fosse um mero enfrentamento de posições justas ou não. Isto leva muitas vezes novos militantes que entram no combate prático junto conosco a acreditar que nossa tática contém ilusões no PT ou mesmo nos dirigentes

do PT. A acreditar que, ao nos manter no PT, espalhamos ilusões neste partido. Esta concepção que mistura ingenuidade com esquerdismo infantil tem, entretanto, seu lado saudável que é a tentativa deste novo militante de romper com a burguesia e seus agentes no interior do movimento operário.

A arte dos marxistas é compreender esta situação e ajudar estes militantes a compreender a história, o método, a estratégia e táticas revolucionárias, o que inclui a relação dialética entre classe, partido e direção. Obviamente, estamos falando de jovens ou trabalhadores em ruptura com a burguesia e os aparelhos traidores, não de grupos sectários ou centristas cristalizados que são incapazes de apreender e nada têm a ver como o marxismo, como já explicou Lênin em “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”.

Ensinamentos da história

Nossa orientação política deriva de todo o aprendizado da história do movimento operário e do surgimento e construção dos partidos operários revolucionários, incluído aí o partido mais revolucionário da história da humanidade, o Partido Bolchevique. Este aprendizado é integrado pelo que chamamos “A Primeira Lei de todas as revoluções”. A Resolução Política do 28º Congresso da Esquerda Marxista explicava:

“A Esquerda Marxista tem consciência de que também no Brasil se realizará a primeira lei de todas as revoluções. Ou seja, que nos primeiros momentos de toda revolução as massas tentam, em primeiro lugar, utilizar os instrumentos que elas reconhecem como seus, os partidos operários e os sindicatos.

Vimos isso na revolução russa com os mencheviques e socialistas



Um dos centros da luta em 2014 deve ser contra a criminalização dos movimentos sociais

revolucionários. Na revolução alemã de 1919 a 1923, com a socialdemocracia completamente enfeudada no aparelho de Estado burguês. Na França, em diversas ocasiões, assim como na Inglaterra.

Isto foi verdade inclusive para países onde o capital foi expropriado, em certas circunstâncias, como foi o caso com Imre Nagy e o PC Húngaro, em 1956, na Polônia, em 1956, assim como com Alexander Dubcek, do PC Tcheco, que dirigiu a chamada "Primavera de Praga", em 1968.

Em nenhum país do mundo a classe operária quando entra em movimento tenta construir instrumentos saindo do nada. Seu movimento sempre passa pela tentativa de recuperar seus antigos instrumentos, tentando encarregá-los de tarefas revolucionárias que eles não podem cumprir.

Na sequência da vitória nazis-

ta na Alemanha, em 1933, Trotsky falando sobre o lugar que ocupava a socialdemocracia, precisava: "Se trata, propriamente falando, não do reformismo no sentido amplo do termo, mas das inspirações instintivas dos operários de defender suas organizações e seus direitos.

É nesta perspectiva de conjunto e sobre o fundo de uma nova ascensão das massas sobre a arena europeia e norte-americana, cuja primeira vaga infla rapidamente neste momento, sobretudo na França e Espanha, que é preciso compreender a política de entrismo na socialdemocracia. Na primeira etapa que se abre e que anuncia de alguma maneira a irrupção de toda a classe operária sobre a arena da luta de classe, é preciso operar urgentemente a junção com os primeiros contingentes de trabalhadores radicalizados que, exprimindo o ascenso de

toda a classe, entram nos quadros dos partidos operários.

Operar esta junção é assegurar-se de uma implantação séria nas massas, porque a primeira etapa de sua radicalização, aquela que precede a primeira fase da revolução proletária (e desta por uma larga parte igualmente) passa necessariamente pelas grandes organizações tradicionais". (León Trotsky)".

Se esta orientação continua correta em geral ela deve ser aplicada de forma adaptada em cada situação. É preciso antes de tudo determinar a situação existente, o estado de ânimo das classes sociais, em especial do proletariado e da juventude.

A política revolucionária exige a percepção das mudanças na direção do vento, entender os movimentos das marés, a vazante e a enchente nos rios. Ou seja, se nossa estratégia (nossa orientação de longo prazo)

Internet não muda, nossa tática pode e deve variar segundo as circunstâncias concretas da luta de classes.

Uma análise concreta de uma situação concreta

E o fato central na luta de classes internacional é que as gigantescas mobilizações, rebeliões e manifestações não estão passando, neste momento, por dentro das organizações tradicionais da classe trabalhadora. Nem mesmo nos sindicatos. Em nenhum país, do Egito à Grécia, da Espanha ao Brasil, da Suécia à Itália, da Inglaterra à Turquia, as mobilizações têm se voltado para as organizações tradicionais, provocado o surgimento de correntes centristas ou de massas à esquerda. Entretanto, esta possibilidade não pode ser descartada e o que é absolutamente certo é que vai impactar nas organizações tradicionais de diferentes formas.

O que de certa forma estamos verificando é o aparecimento de uma situação, em geral, semelhante ao final dos anos 70 e início dos anos 80, quando a crise conjunta do imperialismo e da burocracia soviética, abre um período onde a batalha do proletariado internacional por se reorganizar sobre um novo eixo de independência de classe resultou no aparecimento do PT, no Brasil, da Frente Sandinista, na Nicarágua, e do Sindicato Solidarieidade, na Polônia.

Se já naquela época havia enormes combates do proletariado internacional e uma grande crise política e econômica tanto nos países dominados pela burocracia soviética como nos países capitalistas, hoje, o que vemos é que, aquelas condições de crise econômica e política internacional, estão se reproduzindo em escala gigantesca e mais profundamente.

Isto significa, nas atuais condições, um largo período de combates com vitórias e derrotas, com apren-

>> Continua na próxima página

dizado pelas massas sobre o caráter das atuais direções e tentativas de superar esta situação, em relação às direções, com ações e explosões espontâneas. A ausência do partido revolucionário será percebida dramaticamente por todos os militantes da luta de classes com perspectiva histórica.

Para os marxistas é necessário, imprescindível, olhar atentamente a situação concreta para definir sua tática. Os marxistas bolcheviques e sua tática devem buscar uma sintonia fina com o momento político dentro da situação política geral e fazer uma correta interpretação do que se passa na economia, na política, nos sentimentos e na consciência das massas, e inclusive nos sentimentos e consciência das classes inimigas, realizando a análise concreta da situação concreta.

Vivemos uma situação convulsiva em escala planetária. Mas em cada país a luta de classes se expressa nas condições históricas, econômicas e políticas dadas e de forma alguma pode ser simplesmente um ato de vontade de um indivíduo ou mesmo de um partido. Uma situação pré-revolucionária não significa que mecanicamente

haverá um salto para uma situação revolucionária. Assim como uma situação revolucionária não significa necessariamente que haverá uma revolução, e finalmente, uma revolução não determina que o proletariado seja vitorioso.

Entretanto, na medida em que um partido se enraíza nas massas ele passa a ser parte subjetiva, mas também objetiva da situação. E sem sombra de dúvida um partido marxista com enraizamento nas massas é imprescindível para a vitória de uma revolução. Portanto, esta é a maior tarefa da EM e da Internacional.

Este combate, no atual momento e circunstâncias da luta de classes, exige da Esquerda Marxista uma atuação pública mais definida como organização política independente, parte de uma Internacional em construção, uma face pública clara de uma organização comunista inimiga mortal do capital.

Assim, o fato de continuar a manter posições no interior do partido é de secundária importância. Se não há nenhuma razão séria para mudar nossa posição sobre a participação nas organizações tradicionais de massa, também é verdade que não é no in-

terior do PT que nossa construção, o recrutamento, vai se dar no atual período político que vivemos. E isto provavelmente será a tônica por um longo período.

O centro e a razão de ser da EM é seu programa e a construção da Internacional na luta pela revolução socialista. Seu terreno imediato de recrutamento é a luta de classes, onde estão a vanguarda da juventude e dos trabalhadores, os combatentes mais avançados na luta de classes que estão em ruptura com a burguesia.

Primeiro é preciso ganhar, para depois educar e formar quadros revolucionários

Esta constatação e a necessidade de crescimento têm algumas consequências imediatas. Uma é a flexibilidade em nossa tática para permitir um recrutamento importante. Ou seja, os novos militantes são recrutados para a EM, e não para o PT. Se este militante não desejar se filiar ao PT isto não é obstáculo para entrar na EM. Se ele vai ou não se filiar ao PT pode ser uma discussão posterior se a organização entender que é necessário para determinado combate. E no processo de formação do militante é que uma homogeneiza-

ção política superior vai se efetivar. Em suma, ele pode ser um militante da EM, da CMI e não estar filiado ao PT. Nós não convidamos a vanguarda militante para entrar no PT, mas para entrar na CMI, na EM. Isto exige do CC o desenvolvimento de materiais de agitação e propaganda da EM para ser utilizado de forma regular e permanente pelo conjunto da militância.

Suave na forma, duro no conteúdo

A segunda e fundamental questão é um aprofundamento de nossa linha de ruptura com a burguesia. Hoje, ela se expressa fundamentalmente na orientação que o PT deve romper com a burguesia e constituir um governo socialista dos trabalhadores. Isto aparece em permanência nas expressões “Se o PT não romper... não vai poder atender...”, com diversas variações. Esta linha não está errada, mas ela não é mais adequada às circunstâncias. A vanguarda que queremos recrutar não consegue imaginar o PT rompendo com a burguesia. Esta vanguarda inclusive tem um profundo ódio da direção do PT, e não sem razão. Como resultado, a orientação geral justa da EM lhes parece como ilusão no PT e seus dirigentes. E em política isso pode ser mortal. Como disse Júlio Cesar, “À mulher de César não basta ser honesta, tem que parecer honesta”. Em outras palavras, se uma orientação política não está sendo entendida então ela não está servindo aos seus propósitos. Ela deve ser reexplicada ou modificada.

Na atual situação é preciso, sem abandonar a linha fundamental de exigir dos dirigentes operários traidores que rompem com a burguesia, ter uma atitude direta de explicação desta linha na luta de classes. O necessário hoje é centralmente explicar que só os trabalhadores organizados e mobilizados de forma independente, inclusive do PT, é que podem conquistar suas reivindicações, defender conquistas e abrir o caminho para o socialismo.

Não se trata de fazer agitação “con-



Militantes da Esquerda Marxista participam das jornadas de junho em São Paulo (11/06/2013)



tra o governo do PT” (isso deixamos para os sectários incorrigíveis), mas tomando a situação como ela é, agitar e organizar, mobilizar de forma independente para arrancar “do governo do PT em coalizão com a burguesia” as reivindicações. Isso dá todo sentido à nossa orientação de luta pela Frente Única Anti-imperialista, que significa cada vez mais, nas condições de um país semi-colonial, semi-industrializado, a aliança operário-camponesa contra o capital e o imperialismo.

É preciso ter absolutamente claro, e explicar, que cada conquista só será imposta contra a orientação de colaboração de classes e de governar para o capital que é a linha da direção do PT e da CUT.

Como explica claramente o Pro-

grama de Transição:

“A tarefa central da IV Internacional consiste em libertar o proletariado da velha direção, cujo conservantismo se encontra em contradição completa com a situação catastrófica do capitalismo em seu declínio e constitui o principal obstáculo ao progresso histórico. A acusação capital que a IV Internacional lança contra as organizações tradicionais do proletariado é a de que elas não querem separar-se do semi-cadáver da burguesia.

Nessas condições, a reivindicação endereçada sistematicamente à velha direção - “Rompam com a burguesia, tomem o poder” - é um instrumento extremamente importante para desvendar o caráter traidor

dos partidos e organizações da II e III Internacionais, assim como da Internacional de Amsterdã. A palavra-de-ordem de “governo operário-camponês” é empregada por nós unicamente no sentido que teve em 1917 na boca dos bolcheviques, quer dizer, como uma palavra-de-ordem antiburguesa e anticapitalista, mas de nenhum modo no sentido “democrático” que lhes deram mais tarde os epígonos, fazendo dela, que era uma ponte em direção à revolução socialista, a principal barreira neste caminho.

De todos os partidos e organizações que se apoiam nos operários e nos camponeses falando em seu nome, nós exigimos que rompam politicamente com a burguesia e

entrem no caminho da luta pelo governo operário e camponês. Nesse caminho prometemos-lhe um apoio completo contra a reação capitalista.

Paralelamente, desenvolvemos uma incansável agitação em torno das reivindicações transitórias que deverão, do nosso ponto de vista, constituir o programa do “governo operário e camponês”.

É possível a criação de tal governo pelas organizações operárias tradicionais? A experiência anterior mostra-nos, como já vimos, que isto é, pelo menos, pouco provável. É, entretanto, impossível negar categóricamente e antecipadamente a possibilidade teórica de que, sob a influência de

>> Continua na próxima página

Acervo Esquerda Marxista



Mais de 100 pessoas lotam sede da Esquerda Marxista em São Paulo para ouvir a análise dos marxistas e é fundado o Comitê Bandeira Vermelha em 22 de junho

uma combinação de circunstâncias excepcionais (guerra, derrota, quebra financeira, ofensiva revolucionária das massas etc.), os partidos pequeno-burgueses, incluídos aí os stalinistas, possam ir mais longe do que queriam no caminho da ruptura com a burguesia. Em todo caso, uma coisa está fora de dúvida: se mesmo esta variante pouco provável se realizasse um dia em algum lugar, e um “Governo operário e camponês”, no sentido acima indicado, se estabelecesse de fato, ele somente representaria um curto episódio em direção à ditadura do proletariado.

É, entretanto, inútil perder-se em conjecturas. A agitação sob a palavra-de ordem de “Governo operário e camponês” guarda, em todas as condições, um enorme valor educativo. E não é por acaso: esta palavra-de ordem generalizadora segue absolutamente a linha do desenvolvimento político de nossa época (bancarrota e desagregação dos velhos partidos burgueses, falência da democracia, ascensão do fascismo, aspiração crescente dos trabalhadores a uma política mais ativa e mais ofensiva). É por isso que cada uma de nossas reivindicações transitórias deve conduzir sem-

pre à mesma conclusão política: os operários devem romper com todos os partidos tradicionais da burguesia para estabelecer, em comum com os camponeses, seu próprio poder.

É impossível prever quais serão as etapas concretas da mobilização revolucionária das massas. As seções da IV Internacional devem orientar-se de maneira crítica a cada nova etapa e lançar as palavras-de ordem que impulsionem a tendência dos operários a uma política independente, aprofundando o caráter de classe desta política, destruindo as ilusões reformistas e pacifistas, reforçando a união da vanguarda com as massas e preparando a tomada revolucionária do poder. (Todos os sublinhados são nossos)

Esta orientação se expressa na articulação das palavras de ordem: **“Só a luta e a mobilização independente podem conquistar. Abaixo a colaboração de classes. Fora os ministros capitalistas. Por um governo dos trabalhadores. Lutar pelo socialismo. Construir a Esquerda Marxista como organização revolucionária!”**.

Em cada momento uma ou mais destas palavras de ordem aparecerão para impulsionar o combate e o

desenvolvimento da consciência de classe da vanguarda dos trabalhadores e da juventude.

Uma organização de ação política revolucionária

Os andaimes que estruturam a construção política da Esquerda Marxista como organização bolchevique são as suas publicações. Por isso a EM decidiu em sua Conferência:

“Um passo muito importante dado desde o último Congresso foi a implantação da Nota Política Semanal... Um avanço que deve ser aprofundado com um Boletim semanal impresso a ser oferecido aos nossos contatos e nas atividades da luta de classes. Imprimindo assim um novo ritmo para o funcionamento de nossa organização.

... Enfim, é preciso romper definitivamente a rotina e colocar em nosso cotidiano as corretas decisões sobre construção e organização de nosso último Congresso, condições fundamentais para dar o necessário salto no desenvolvimento da Esquerda Marxista.” (Conferência Nacional, 31/03/2013)

Para utilizar plenamente o Boletim Foice&Martelo é preciso dar passos objetivos na intervenção da luta de classes. A prioridade de venda do Boletim F&M é para nossos contatos com objetivo de ganhá-los para a EM.

Sem que cada célula tenha uma frente de intervenção clara e definida, sem que cada célula e militante esteja envolvido em uma luta concreta ou na sua preparação, não há como construir uma rede de leitores, contatos e recrutar novos militantes. Portanto, cada organismo deve discutir e decidir qual sua frente de intervenção de massa e em que luta econômica ou política vai participar. E esta é uma obrigação de todos os militantes, exceto aqueles autorizados por um organismo superior.

O que é preciso constatar é que a maioria dos militantes e células está vivendo uma situação de compasso de espera, “participando” de lutas sindicais ou econômicas impulsionadas por ou próprias dos sindi-

catos, Centros Acadêmicos, DCEs ou Grêmios, ou associações de moradores. Mas, de fato nenhuma luta, ou muito poucas, estão sendo iniciadas ou impulsionadas diretamente pela Esquerda Marxista ou em nome da Esquerda Marxista, mesmo que em frente única com outras forças. Isto é um elemento que explica em parte as dificuldades de crescimento em diversos setores.

O fato de estar imerso, participando de lutas sindicais ou econômicas não conduz diretamente à construção da organização. É a luta “política”, a discussão política sobre perspectivas e a luta pelo socialismo que mostram a face da organização e podem recrutar novos militantes da vanguarda mais consciente.

As lutas sindicais, ou econômicas, justas e necessárias, não podem trazer a discussão e a luta política socialista. Este foi o centro do combate de Lênin no Iskra e depois no II Congresso do POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo). O “economicismo” é a morte do socialismo e da organização socialista. Ele traduz uma adaptação oportunista que é dever da organização marxista denunciar e combater permanentemente.

Por isso é imperativo que cada célula tenha por escrito a lista de seus contatos, compradores de Boletim, JLC, contribuintes, etc., com nome e formas de contato, militante por militante. Só um acompanhamento metódico, regular e sério de nossos objetivos planejados pode garantir nossa construção.

Com objetivo de abrir contatos e iniciar uma frente de intervenção, ou ainda reforçá-la, uma célula pode eleger uma escola ou local de trabalho para difusões semanais do Boletim Foice&Martelo. Se for sistemático e regular este trabalho de buscar novos contatos através das difusões, ele pode trazer bons resultados.

Mas, sempre tendo em conta que o método Objetivo x Resultado é o único método científico de controle político da nossa atividade e o único capaz de permitir um crescimento sério e organizado da organização marxista. ●



Lênin: o fundador do bolchevismo

Espionagem e imperialismo: Snowden, vigilância e repressão

Arthur Penna

Além da crise econômica, para a qual nenhum de seus secretários e conselheiros têm solução, o presidente dos EUA, Barack Obama, precisa lidar com outro problema: o fluxo de informações sobre as atividades das agências de inteligência norte-americanas ao redor do mundo.

Diante das revelações, feitas pelo ex-agente da Agência Nacional de Segurança (NSA, da sigla em inglês), responsável pela inteligência virtual dos EUA) Edward Snowden, Obama manteve-se em silêncio, no que foi imitado por todos os altos funcionários do governo americano. Durante esse silêncio, Snowden continuou divulgando dados sobre as incursões de espionagem de Washington, que não pouparam sequer os aliados mais próximos.

Segundo Snowden, a NSA vigiou os telefones de mais de 35 líderes mundiais, incluindo o primeiro ministro britânico David Cameron e o presidente francês François Hollande. Até mesmo a chanceler alemã Angela Merkel, testa de ferro do capitalismo europeu, teve seu celular grampeado. Curiosamente, Cameron, Hollande e Merkel, absolutamente implacáveis quando se trata de reprimir estudantes e sindicatos em seus próprios países, permaneceram tímidos diante das denúncias da agressão ianque. Cameron inclusive chegou a dar declarações em pleno parlamento britânico dizendo que a espionagem da NSA “garantia a segurança dos povos do mundo inteiro”. O tio Sam agride e suas vítimas o defendem. A submissão completa dos

governantes europeus aos valentões de Washington chega a ser risível.

Dilma e outros funcionários importantes do governo brasileiro também foram vítimas dos espões ianques. Segundo as denúncias de Snowden, os computadores do Ministério de Minas e Energia e da Petrobrás foram monitorados pela NSA em parceria com agentes canadenses. O objetivo seria obter informações sobre o Pré-Sal e outras reservas de recursos naturais que o governo federal mantém em sigilo. Ao contrário dos líderes europeus, que se mantiveram quietos para preservar a união internacional das burguesias contra a crise, Dilma ensaiou uma oposição sonora ao sistema de espionagem americano, tendo inclusive feito um furioso discurso na sede da ONU, em Nova York, denunciando os agentes norte-americanos.

Contudo, ao contrário de Cameron, Hollande e Merkel, Dilma comanda uma nação atrasada e completamente dominada pelo capital externo, sobretudo o norte-americano. O seu próprio governo iniciou, no ano passado, o maior programa de privatizações da história do Brasil, que começou com a entrega do Pré-Sal para as multinacionais que encomendaram a espionagem que ela condenou tão apaixonadamente em Nova York. O anti-imperialismo do governo brasileiro não passa das palavras, ou melhor, da necessidade da direção do PT, que em tese comanda o atual governo, de disfarçar um laço com pelo menos uma de suas bandeiras originais.

Pra que servem os espões

O cinismo generalizado que se viu diante das revelações de Snowden,

inclusive por parte de jornais, revistas e emissoras que atuam como apoio direto às agências de inteligência do imperialismo, despertou em muitos milhões de pessoas uma desconfiança quanto à segurança e privacidade dos serviços de e-mail, e redes de celulares. E essas suspeitas estão longe de serem injustificadas! Afinal, segundo Snowden, o governo dos EUA tirou a coleira da NSA e a autorizou a meter o nariz aonde quer que fosse, com o único objetivo de recolher o maior número possível de informações sobre tudo e todos.

Até aí, não há nada com o que se surpreender. Afinal, todas as agências de inteligência são criadas com o único objetivo de coletar dados sobre pessoas, empresas e países de forma a beneficiar o Estado e a burguesia nacional que as criaram. Portanto essa prática não é exclusividade dos norte-americanos e muito menos foi inventada por eles. A diferença é que os Estados Unidos se tornaram a maior potência do mundo capitalista, e como tal, possuem um poder e uma capacidade de vasculhar frestas e buracos que nenhum outro país no mundo possui.

Mas muito antes dos EUA sequer almejem o status de grande potência, os britânicos, fundadores do capitalismo moderno e dos próprios EUA, interceptavam a correspondência de personalidades como Napoleão Bonaparte no começo do século XIX. A primeira grande agência de inteligência do mundo foi o famoso MI6, nome popular do Secret Intelligence Service (Serviço Secreto de Inteligência), fundado em 1909. O objetivo do MI6 era zelar pelos interesses estratégicos do Império Britânico ao redor do mundo, desde a garantia do

domínio sobre as colônias, passando pelo controle dos países que dependiam do capital financeiro britânico (como o Brasil) até a vigilância dos rivais imperialistas, sobretudo a Alemanha e os EUA. Os alemães e franceses não ficaram atrás e também criaram seus serviços de inteligência e espionagem. Os americanos, ironicamente, só foram fundar um serviço de espionagem organizado tardiamente, com a formação do Office of Strategic Services (Escritório de Serviços Estratégicos), antecessor das hoje famosas e infames CIA e NSA, em 1942, devido às necessidades da Segunda Guerra Mundial.

E não foram apenas os países imperialistas que fundaram e mantiveram serviços de espionagem. Na União Soviética, a NKVD e mais tarde a KGB atuavam no mundo inteiro para defender os interesses da burocracia de Moscou, principalmente no interior do movimento operário internacional e nos diferentes partidos comunistas. E mesmo países completamente subordinados e dominados pelo capital externo, como Brasil, Argentina e Chile, mantiveram serviços de espionagem que embora tivessem alcance externo bastante limitado, eram extremamente eficientes na perseguição a militantes de esquerda em seus próprios países. Mesmo nos dias de hoje, durante as enormes manifestações que tomaram as ruas das maiores cidades do Brasil, a ação de agentes infiltrados em meio aos protestos, somada à traição das direções tradicionais, foi fundamental para o controle temporário da situação política no Brasil. E assim como faziam e ainda

>> Continua na próxima página

fazem seus colegas nos países capitalistas desenvolvidos, os agentes de inteligência brasileira não viam nem veem limites para o cumprimento de suas missões.

Depois de analisar estes fatos históricos, soam ainda mais enganosas e ingênuas as declarações de Dilma em Nova York pedindo por “limites” para as atividades dos espões ao redor do mundo. Estes são homens e mulheres recrutados, treinados e pagos pelos governos de todo o mundo para realizarem as tarefas sujas que o cinismo sórdido das leis burguesas, que já impõem “limites” à barbárie da guerra e “proíbe” que seres humanos morram de fome, impede que sejam levadas a cabo publicamente. Semelhante ilusão nesse baile de máscaras tragicômico chamado diplomacia internacional soa parecida com a velha fábula reformista de “limitar as fortunas” e controlar a taxa de lucro dos capitalistas. Para defender seus interesses e sua própria existência, as elites e burocracias ao redor do mundo não enxergam limites nem reconhecem direitos humanos. E assim é desde que existe sociedade de classes.

Portanto, a verdadeira preocupação que deve surgir das revelações de Snowden não é o já manjado jogo de xadrez da espionagem internacional, e sim a disposição dos governos de todo o mundo de controlar a vida de seus cidadãos em um momento de crise mundial do sistema capitalista, para a qual os economistas burgueses não encontram qualquer saída ou solução.

Em todo o mundo, aumenta a repressão

As principais denúncias de Snowden não se referiam a presidentes ou

primeiros-ministros, e sim a dezenas de milhões de pessoas comuns, que tiveram seus emails, perfis nas redes sociais e celulares invadidos e seus dados roubados pelos agentes da NSA. E Snowden não se limitou a fornecer dados técnicos sobre as ações da agência onde trabalhou por diversos anos: também revelou quais eram seus objetivos centrais: controlar os cidadãos de forma a identificar qualquer forma de pensamento ou expressão que tivesse o menor potencial subversivo.

Em todo o mundo, as massas se levantam contra seus opressores de classe e lutam contra as medidas de austeridade e demissões em massa impostas pelas burguesias do mundo inteiro, numa tentativa de transferir a

conta da atual crise econômica para os trabalhadores e para a juventude. Dezenas de milhões foram levados à bancarrota pelo andar da crise que, apesar das tentativas dos economistas burgueses, só tende a levar mais e mais milhões ao inferno da pobreza e do lumpesinato.

Com os governos endividados devido à estatização das dívidas e dos prejuízos dos grandes bancos internacionais, a burguesia procura desesperada pela abertura de um novo front, já que esta claramente sofrendo derrotas em todos os outros (a repressão, comprovando sua ineficiência no combate ao movimento de massas, apesar do constante fornecimento de novos equipamentos, e a incapacidade das direções

tradicionais da classe trabalhadora na contenção do movimento dos trabalhadores e da juventude). O controle sobre a internet, sobretudo dos e-mails e redes sociais, importantes para a convocação de manifestações desde o Egito até o Brasil, passando por toda a Europa, é precisamente este novo front.

O governo dos EUA já tentou estabelecer uma censura não oficial sobre a internet sob o disfarce de combate à pirataria. O SOPA (Stop Online Piracy Act) previa o fechamento de sites que reproduzissem conteúdo protegido por direitos autorais. Contudo, a parte da proposta de lei que se referia aos chamados direitos autorais era bastante curta. A maior parte da lei consistia em reforçar os músculos do Estado na vigilância e no poder de censurar e derrubar websites da internet. Como o crime virtual é bastante anterior a 2012, ano em que a lei foi posta a voto e derrotada no congresso americano, fica claro que o verdadeiro objetivo do SOPA era preparar o terreno para um período de repressão e vigilância.

E a burguesia norte-americana não está sozinha nesta campanha. Por toda a parte, os legisladores de todo o mundo reforçam o poder de suas agências de espionagem e das polícias de forma a responder ao crescente avanço das massas, que segue firme no combate aos seus inimigos de classe ao redor do mundo. Muitos burgueses imaginam que a saída para enfrentar a crise está no recrudescimento da vigilância e da repressão, mas se enganam. Assim como as polícias se mostraram ineficientes, os espões ao redor do mundo se provarão igualmente inúteis na tarefa de conter os jovens e trabalhadores ao redor do mundo. ●

